

O ARTIVISMO DO GRUPO QUEBRADA QUEER EM PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA

Data de aceite: 01/03/2023

Renato Sousa Linhares
UEMASUL

Maria da Guia Taveiro Silva
Orientadora: Prof.^a. Dr.^a.

RESUMO: O rap é um estilo musical criado nos estados unidos, entre as décadas de 1980 e 1990, nas comunidades periféricas, marcadas pela presença negra e pelo engajamento social por meio das letras que versam sobre a realidade social. Da mesma forma, ao chegar no Brasil, ainda em 1980, a produção vinculação e divulgação desse estilo musical ganha configurações semelhantes às dos Estados Unidos, uma música de origem negra, com presença predominantemente masculina, de linguagem essencialmente oral, periférica e por isso, marginalizada. Com o passar do tempo, e por refletir acerca da realidade social e suas transformações, o rap ganhou novas ramificações, a exemplo do queer rap, uma vertente do estilo que busca pautar temáticas das vivências da comunidade LGBTQIAP+ e denunciar artisticamente as mazelas sociais. Isso posto, o presente artigo objetiva apresentar uma reflexão a respeito do queer rap como instrumento

de ativismo artístico, ou ainda, o chamado “ativismo”, tendo como corpus de pesquisa a obra fonográfica do grupo Quebrada Queer. Como procedimento metodológico, foram realizadas análises da letra da primeira “cypher” lançadas pelo grupo nas plataformas digitais com finalidade de levantar expressões enunciativas que sugiram na canção discursos de cunho denunciativos, caráter de ativismo e engajamento com a causa desse grupo minorizado por meio da desobediência e dissidência de gênero e sexualidade. O suporte teórico parte da visão de gênero enquanto condicionadores da linguagem de Bortoni-Ricardo (2004) e Coelho (2017), as proposições de uma educação linguística queer, de Mazarro (2021) e dos teóricos que traçaram considerações sobre o Rap e seu cunho manifestativo, a exemplo de Andrade (2018), entre outros. A partir dos estudos e da aplicação metodológica de análise verificou-se que o grupo Quebrada Queer, suas composições e discursos denunciam o preconceito contra preconceitos e violências, em especial a homofobia, de maneira engajada com a realidade e de uma forma interseccional, levando em consideração o contexto de produção periférica, marcadores sociais do negro,

LGBTQIAP+ enquanto sujeito auto enunciador.

PALAVRAS-CHAVE: Artivismo. Sociolinguística. Rap. Análise Discurso. Queer.

ABSTRACT: Rap is a musical style created in the United States, between the 1980s and 1990s, in peripheral communities, marked by the black presence and social engagement through lyrics that deal with social reality. Likewise, when it arrived in Brazil, still in 1980, the production, linking and dissemination of this musical style gained configurations similar to those of the United States, a music of black origin, with a predominantly male presence, with an essentially oral, peripheral language and, therefore, marginalized. Over time, and by reflecting on social reality and its transformations, rap gained new ramifications, such as queer rap, an aspect of the style that seeks to guide themes of the experiences of the LGBTQIAP+ community and artistically denounce social ills. That said, this article aims to present a reflection on queer rap as an instrument of artistic activism, or even the so-called “artivism”, having as research corpus the phonographic work of the Quebrada Queer group. As a methodological procedure, analyzes of the lyrics of the first “cypher” released by the group on digital platforms were carried out in order to raise enunciate expressions that suggest in the song denouncing speeches, activism character and engagement with the cause of this minority group through disobedience. Of gender and sexuality dissent. The theoretical support is based on the view of gender as language conditioners by Bortoni-Ricardo (2004) and Coelho (2017), the propositions of a queer linguistic education, by Mazarro (2021) and the theorists who have outlined considerations about Rap and its imprint. Demonstrative, like Andrade (2018), among others. From the studies and the methodological application of analysis, it was found that the Quebrada Queer group, its compositions and speeches denounce prejudice against prejudice and violence, especially homophobia, in a way that is engaged with reality and in an intersectional way, taking into account considering the context of peripheral production, social markers of the black, LGBTQIAP+ as a self-enunciating subject.

KEYWORDS: Artivism. Sociolinguistics. Rap music. Speech Analysis. Queer.

INTRODUÇÃO

O rap é um estilo musical muito ouvido no Brasil. Traz temáticas sociais do cotidiano das comunidades periféricas brasileiras buscando cada vez mais abordar várias questões relevantes. Em 2010, o queer rap, uma vertente do estilo, ganha notoriedade a partir das músicas lançadas por Rico Dalasam, o precursor do movimento. Tal destaque pode ser atribuído ao desenvolvimento de novos discursos, participação e insurgência das chamadas minorias sociais.

Cabe ressaltar que, cada vez mais artistas da comunidade LGBTQIAP+ vêm ocupando espaço na música, tornando as produções cada vez mais diversificadas e pautando assuntos que dizem respeito aos grupos minorizados socialmente, configurando caráter militante por meio da arte. Para essa abordagem existe o conceito de artivismo. Embora não se tenha um consenso sobre o conceito, o artivismo é a manifestação ativa e reivindicatória de direitos e representação de forma artísticas.

Nesse sentido, é relevante conhecer aspectos dessa produção musical e artista, por apresentar como a arte pode ser engajada com as questões sociais, e uma maneira de manifestação dos anseios da sociedade a partir da vinculação de determinadas construções discursivas que considerem contextos, linguagem e lugar de enunciação.

Esta pesquisa busca apresentar uma reflexão a respeito do queer rap como instrumento de ativismo artístico, ou ainda, o chamado “ativismo”, tendo como corpus de pesquisa a cypher de lançamento do grupo Quebrada Queer. Como procedimento metodológico, foram realizadas análises da letra das músicas lançadas pelo grupo no canal de Youtube Rap Box a fim de levantar expressões enunciativas que indiquem nas canções discursos de cunho denunciativos, caráter de ativismo e engajamento com as pautadas da comunidade LGBTQIAP+.

Dessa forma, este artigo busca responder a seguinte questão de pesquisa: quais as temáticas e particularidades na construção da obra artística do conjunto Quebrada Queer numa perspectiva dos discursos de ativismo queer, negro, periférico a partir da arte hip hop?

Assim, o estudo objetiva ainda, analisar a produção e como os papéis sociais e os condicionadores de sexualidade, contexto periférico marcam a produção artistas e constituem enquanto ativismo artístico, e ainda, as contribuições do queer rap e como forma de comunicação para uma educação linguística que contemple as questões queers. A relevância desta pesquisa está pautada em conhecer os fatores que marcam a produção dos discursos dos queer raps, contribuir com futuros estudos acerca da educação linguística no que se refere ao fator gênero e desobediência de gênero e sexualidade que pode permitir melhor compreensão sobre o ativismo.

Neste estudo, inicialmente, é apresentada um breve histórico do movimento rap e do queer rap. Em seguida, são apresentadas discussões sobre educação linguística, o condicionador gênero e a questão queer, ativismo, discursos análises da cypher do grupo de queer rap quebrada queer ao final do estudo, são apresentadas algumas considerações sobre as evidências encontradas nessa pesquisa.

BREVE APANHADO DA HISTÓRIA DO RAP

O termo RAP significa “rhythm and poesis”. Ele é um movimento artístico cultural que faz parte de um contexto maior, o Hip Hop. O movimento hip hop é um conjunto de expressões artística que além do RAP congrega grafite, as danças como o break, o MC (mestre de cerimônias) e os DJ’s. Nesse sentido, o Rap faz parte de uma cultura composta por vários segmentos da arte e preservada por meio dos membros que fazem manutenção dessas expressões artísticas.

O RAP surgiu em 1970, nos guetos dos Estados Unidos, onde havia forte presença da comunidade negra. Essa presença negra fruto de uma migração de Jamaicanos para

bairros pobres de Nova York, como Brooklyn. “O significado etimológico de “rap” é fruto de uma junção de iniciais de uma expressão do inglês “rhythm and poetry – ritmo e poesia”. ANDRADE, 2018.

O Rap é uma produção musical pensada metricamente baseada nas condições de oralidade, com algum nível de atividade de letramento. Isso significa que, mesmo sendo compostas letras na forma escrita, a sua essencialidade está na forma como será cantada. Por isso, a linguagem utilizada é marcada por variações às regras da linguagem culta e adquirem estilos peculiares e próprios, sobretudo no português brasileiro tão rico em diversidade linguística.

No Brasil, o rap popularizou-se em 1980, com os primeiros nomes a comporem o cenário hip hop, a exemplos do grupo Racionais e DJ Afrika Bambata, um dos precursores do movimento rap brasileiro, que além seguir o estilo musical, sugere um outro elemento para acrescentar à cultura em que o está inserido, o conhecimento. Bambata reivindica o acréscimo do conhecimento no sentido de proximidade, experiências e vivências das comunidades e das culturas periféricas nas quais o rap teve origem.

O espaço de produção e difusão do rap foi um dos fatores que contribuíram para popularização do estilo musical. As periferias de São Paulo foram os nascedouros do movimento, no Brasil. O movimento consolidou-se na estação de metrô São Bento-São Paulo, onde havia pontos de rimas, os rappers se encontravam para competir com as letras que versavam sobre seus contextos sociais, mazelas em tons de protesto.

A produção de raps nas décadas de 80 e 90 era marcada por letras engajadas em pautas sociais, refletindo sobre o cotidiano das comunidades, promovendo protestos, críticas aos valores elitizados da sociedade por meio de arte produzidas nas periferias com o olhar de quem vivenciava uma realidade distinta das apresentadas pela mídia. Sobre as letras dos raps produzidos nessa época, Teperman 2015 diz que:

O que configurou as letras do período com fortes críticas sócias, além disso, um certo teor de aversão a ascensão social e valores “burgueses”, em contrapartida com os de “rua” defendidos por os grupos brasileiros da época em que buscavam a crítica, porém com um distanciamento “seguro” da mídia.

Com o passar do tempo, as dinâmicas sociais e a popularização do estilo musical supracitado fizeram com que a produção de letras de raps e os próprios moldes rígidos estabelecidos no primeiro momento pelo movimento passassem por flexibilizações. Essa flexibilidade perpassou inclusive a relação estabelecida com a mídia, visto que, para amplificar os discursos do movimento precisou-se da divulgação em veículos de massa para garantir uma inserção dos rappers na indústria fonográfica e buscar o prestígio para a arte produzidas nas periferias das grandes cidades.

O QUEER RAP

Assim como sua matriz, o queer rap nasce nos Estados Unidos gerando um contra discurso e reivindicando o espaço no movimento predominantemente masculino. Assim, é importante salientar que, a masculinidade da qual trata-se aqui é de uma performatividade heteronormativa. O rap queer é uma vertente do rap que apresenta debates acerca das vivências da comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis dentre outras expressões, identidades e orientações sexuais e de gênero.

Nos estados Unidos, um dos expoentes do Queer Rap, Lil Nas X é um rapper negro e abertamente gay, que tem apenas um álbum, mas grande expressividade no combate ao machismo e a LGBTfobia no movimento hip hop. Indicações prêmios por apresentar nas suas letras com uma linguagem própria temáticas densas de forma engajada além de flertar com outros estilos musicais. Montero, seu disco de estreia, tece algumas críticas sobre o sistema carcerário americano, fala das vivências de um jovem gay negro que vive a cultura hip hop em perspectiva diferente do estereotipo pensado para esse tipo de produção artística.

No Brasil, o precursor do movimento Queer rap é Rico Dalasam, um jovem também negro, oriundo de Tabuão da Serra- São Paulo. Dalasam lançou ao todo, seis trabalhos de forma independente, o EP “Modo Diverso”, o álbum “Orgunga”, “Balanga Raba”, o disco “DDGDA- Dolores Dala Guardiã do Alívio”, uma versão comemorativa de remix do ep “Modo Diverso” e “Fim das Tentativas”.

Outros artistas dão continuidade ao movimento queer no rap brasileiro. Mona Brutal, Danny Bond, Gloria Groove, Hiran e Quebrada Queer são artistas queers que trazem novas narrativas para a cena musical. Desses, o último apresenta uma formação interessante enquanto representação queer por ser composto por uma pessoa não binária, três homens gays, uma travesti e uma mulher lésbica. Respectivamente, Harley, Guigo, Tchelo Gomes, Murilo Zeyns, Luara e Apuk. O Quebrada Queer demonstra a partir da sua organização o conceito guarda-chuva alcunhado a todos que desobedecem às normas de gêneros e identidades sexuais. Tasmsin Spargo (1999), ao tratar do uso e ressignificação desse termo diz que:

Queer, em inglês, pode atuar como verbo, substantivo ou adjetivo, mas, em todos os casos, o interessante é perceber como um insulto passou a ser reivindicado como expressão de transgressão, agindo como marcador de oposição à norma ou à normalização, com o movimento Queer indo se fortalecer na abjeção para construir ferramentas críticas para confrontar aquilo que é dado como verdadeiro, normal e natural.

O fato de os queer rappers serem em sua maioria negros, de localidades periféricas e membros da comunidade LGBTIA+ atribuem a esse movimento um desprestígio social e conseqüentemente um preconceito que qualificam como sendo negativo tudo que se atribui a esses marcadores sociais, inclusive a linguagem usada no Rap.

Se observados pelo prisma da diversidade, as produções desses artistas são oportunidades de olhar numa outra perspectiva o movimento rap e verificar que se pode aprender a partir dessa vertente do estilo. Na linguagem por exemplo, muitos fatores podem ser encontrados, gírias, as construções sintáticas, a escolha lexical feita para compor letras, os discursos e a semântica do movimento hip hop. Só por elencar essa série de fatores, o rap e suas vertentes merecem atenção de estudiosos e teóricos dos mais variados campos da comunicação, linguagem e música.

O rap é a linguagem materializada em forma poética e musical, são ideias expressam por meio da língua usada em um contexto social. Portanto, é de interesse da Sociolinguística e da Análise do discurso, os fenômenos linguísticos produzidos pelos membros da cultura e seus contextos de produção, no sentido de enriquecimento das teorias para uma educação linguística que prever o queer como potencial expressivo, discursivo e analítico, presente nas mais diversas esferas da sociedade.

O QUEER E A EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA

A educação linguística brasileira não pode ignorar as questões sociais, como a diversidade sexual e as identidades de gêneros, que são alguns dos fatores condicionantes de determinados falantes da comunidade de fala, visto que, nas teorias desenvolvidas e apontadas como basilares para os estudos sociolinguísticas, o gênero é apontado como um aspecto formador de variação e riqueza comunicativa.

Nesse aspecto, a título de ilustração do que é contemplado pela sociolinguística brasileira em termos de gênero, toma-se como exemplos as publicações de Bortoni-Ricardo (2004) e Coelho (2017). Nas obras citadas, essas temáticas são abordadas a partir do binarismo- masculino e feminino- e apresentam os traços linguísticos e a distinção dos falantes de acordo expressão desses papéis sociais. A autora da obra “educação em língua materna- a sociolinguística na sala de aula” aponta que:

As mulheres costumam usar mais diminutivos: “Trouxe esta lembrancinha para você”; é uma coisinha de nada. Usam também mais partículas como “né? ”, “está? ”, “está bom? ”, que são chamados de marcadores conversacionais e que cumprem várias funções na conversa. No caso dos marcadores que são mais usados pelas mulheres, eles têm principalmente a função de obter aquiescência e concordância do interlocutor. A linguagem dos homens, por outro lado, é mais marcada pelos chamados palavrões e gírias mais chulas. Mas não se esqueça de que essas variações entre os repertórios feminino e masculino estão relacionadas aos papéis sociais que, conforme já aprendemos, são culturalmente condicionados. Diferenças entre o repertório masculino e feminino podem se verificar também no comportamento comunicativo não verbal, como a direção do olhar, a postura do tórax e da cabeça, os gestos, a aproximação entre os interlocutores etc.

A partir dos apontamentos da autora, é possível inferir que há traços linguísticos

esperados nas performances comunicativas masculinas e femininas, sejam elas verbais ou não-verbais, e ainda, que esses papéis sociais são culturalmente construídos. Logo, se há variação nas convenções já estabelecidas, as dinâmicas sociais e as transformações culturais sugerem variação também desses modos, podendo ser admitidas além do uso do diminutivo, marcadores conversacionais, para o falar feminino, ou ainda, outros recursos para o falar masculino, acrescidas as gírias, palavrões e palavras chulas. Há diversidade não só nos modelos linguísticos, mas nas categorizações condicionantes.

Coelho (2017) mencionando pesquisas que apresentam as forças que operam fora da língua, ao tratar do gênero enquanto condicionador do comportamento linguístico, de diz que:

...quanto à variação social relacionada ao sexo- gênero dos informantes, alguns estudos mostram que as mulheres são mais conservadoras do que os homens: em geral, elas preferem usar as variantes valorizadas socialmente. É como se as mulheres fossem mais receptivas à atuação normalizadora da escola. Esses resultados, no entanto, requerem cautela, afinal, os papéis femininos e masculinos, nas mais diversas sociedades, estão, a todo momento, sofrendo transformações.

As concepções de gênero dos autores supracitados são categoria fincadas no binarismo e ajuda a traçar nortes ainda mais amplos, se considerar as dissidências de gênero, a categoria queer e o comunicar dos falantes dentro de uma ótica da diversidade, das expressões de gênero e sexualidades adotadas na contemporaneidade.

Na edição de 2018, do Exame Nacional do Ensino Médio-ENEM, uma questão da área de linguagens chamou muita atenção da sociedade brasileira, por tratar do pajuá, um dialeto usado por travestis, que aos poucos foi incorporado por outros membros da comunidade LGBTQIA+. A questão citada solicita ao estudante o conhecimento acerca de características linguísticas de um grupo social. As críticas a previsão de temáticas como sexualidade e gênero deu-se num contexto social e político em que discursos equivocados e expressões como ideologia de gênero estavam em discussões. Sobre a abordagem de temas como esses, Mazzaro, (2021) salienta que: "...é graças a sua linguagem que as experiências são transmitidas e ocorrem as socializações e as acumulações. Não há, portanto, tema que não possa, por questões sociais, ser abordado pelos estudos da linguagem.

Nesse sentido, atentar aos usos da linguagem em contextos diversos, investigar as condições, os papéis sociais dos falantes e os fatores condicionadores de comunicação é muito relevante para educação linguística. Dessa forma, ignorar a existência de diversidade, do queer, nos estudos linguísticos é reforçar preconceitos e marginalizar a riqueza sociolinguística.

Isso posto, é muito significativo que estudiosos da área da linguística e dos estudos culturais têm realizado esforços para tecer algumas propostas de investigação sobre o queer em diversos campos. Na linguística, Mazzaro (2021), advoga em favor de uma educação

linguística queer. No teatro, whander Alipio Sulurico Silva, uma travestigenera, preta e afrotranseminista, que trata da corpa enquanto elemento cênico. No campo da música, os queer rappers do quebrada queer, que se colocam como sujeitos auto enunciadores dos discursos, temáticas e vivencias próprias.

ARTIVISMO, DISCURSO E QUEBRADA QUER

A primeira vez que um trabalho acadêmico foi escrito para tratar sobre gênero e linguagem, levantou-se questões sobre as diferenças do comportamento linguístico entre homens e mulheres, a “*language and woman’s place*”, lançado 1975, por Robin Lakof, inaugura os estudos feministas que levam em consideração aspectos comunicativos. Nesses estudos verificou-se que enquanto mulheres se comunicam de forma cooperativa, homens se comunicam em estilo mais competitivos.

Esses comportamentos linguísticos competitivos assumidos a partir do gênero geram o desenvolvimento de status sociais, onde o masculino é tido como mais desenvolvido que o falar feminino, tendo em vista as teorias de déficit. Em 1980, com o desenvolvimento da perspectiva da dominância, homens ainda apresentam vantagens linguísticas e sociais em relação as mulheres. Já na terceira fase dos estudos linguísticos, na teoria das diferenças, as características linguísticas masculinas e femininas são justificadas pela forma como cada grupo foi socializado de maneiras diferentes. As constatações a partir desses estudos são que, ao longo do tempo, foram desenvolvidos alguns estereótipos com relação à linguagem e gênero. Cabe, nesse sentido, fazer algumas reflexões dos campos linguísticos, logo tudo que não assume essa forma normativa é estranho, socialmente culturalizados de formas diferentes.

Em todas as perspectivas das teorias linguísticas, assume-se que sim, há diferença entre as formas masculinas e femininas de comunicação, sempre numa visão binária, desconsiderando a existência de outras identidades de gênero e sexuais e que ao não considerar esses aspectos são gerados estigmatização dos falares, e desconhecimento dos interlocutores. “São as formas de assujeitamentos ideológicos que governam os mecanismos enunciativos”. Orlandi, 1999 p.54.

Quanto às questões queer, ainda sobre a teoria da diferença linguística, se considerados gênero e identidades sexuais e linguagens, a educação linguística queer é um campo de estudos interessante para investigar características comunicativas desse grupo, visto que, essa comunidade apresenta uma socialização diferente e desenvolve papéis sociais não pautados na cis heteronormatividade.

A princípio, as questões queer era associada de forma pejorativa e utilizada como termo vexatório e xingamento. Segundo Silva (2020), queer, em termos de uma etimologia anglófona, guarda relações de sentido com “excêntrico”, “estranho”, “desajustado”. Os debates com relação à constituição, delimitação dos debates acerca dessa temática

ganham fôlego e no Brasil a partir da perspectiva política e logo após como questão com relação à crise de HIV/AIDS, em 1980. Os discursos produzidos tendo como referentes membros da comunidade LGBTQIA+ eram prejudiciais e geravam conflitos com relação as leituras sociais desse grupo. Tal fato, gerou uma estigmatização e preconceitos ainda muito arraigados socialmente, impedindo muitas vezes a inserção de pessoas queers em espaços de poder social.

Em contrapartida aos discursos preconceituosos, pejorativos e equivocados, nota-se cada vez mais uma organização de sujeitos queers em busca por direitos civis, ocupação e participação de espaços de poder afim de garantir seguridade democrática, equiparação e reparação histórica. O caminho a percorrer em busca de reparação, aceitabilidade discursiva para tratar de assuntos a partir do contexto cultural que compreende mesmo que ainda de forma embrionário, diversidade culturais, sexuais e portando os discursos construídos e verbalizado sobre a ótica de quem vivência e experiência.

A chamada militância em favor dos grupos minorizados vem acontecendo em várias esferas sociedade, política, estudos acadêmicos e nas artes. No que se refere à arte, a música é uma área que merece destaque, pois tem um alcance exponencial, de fácil acesso e uma linguagem de melhor compreensão. Cavalcanti (2017) assevera que, “apesar das discussões de gênero, sexualidade e temas afins terem começado a ganhar maior força nos últimos anos, ainda são temas pouco explorados na área da música”.

As produções musicais atuais vinculadas à artistas LGBTQIA+ são obras de ativismo, à medida que se constituem por meio de elementos da vivencia dessa comunidade de forma artísticas, estéticas e performáticas. As temáticas abordadas têm caráter reivindicatórios a partir do lugar de fala auto enunciativo, e, portanto, autorizado e legitimado pelos pares. É importante que se diga, para a produção artista queer, “o sujeito está para o discurso assim como o autor está para o texto. Se a relação do sujeito com o texto é a dispersão, no entanto a autoria implica em disciplina, organização, unidade”. Orlandi, (1999, p. 73)

Dessa forma, este trabalho, ao analisar a produção do grupo Quebrada Queer, leva em consideração os sujeitos produtores dos discursos, sua socialização e contextos de produções, pois estes são elementos que auxiliam na constituição da enunciação, na escolha da linguagem, nos temas abordados do queer rap brasileiro e consequentemente na concepção da análise aqui proposta.

Nesse sentido, o enunciador queer rapper goza de abertura socialmente ainda que limitada para construções enunciativas, ao tempo de que o interlocutor, sendo queer, identifica-se com o que é dito e toma consciência da possibilidade de ser replicador e construtor de novos enunciados mais subjetivos. Por outro lado, ao receptor não querer, por não ter vivência próprias desse grupo, é possibilitado o contato com a materialização discursiva, e a experiência de buscar compreender a partir do lugar de escuta da queer culture. Nas palavras de Orlandi (1999),” o discurso é efeito de sentidos entre locutores”.

DISCUSSÃO DOS DADOS

A música analisada foi lançada pelo grupo Quebrada queer, no canal do YouTube Rap Box, no dia 14 de junho de 2018, e conta com 4.587.724 ao longo dos quatro anos. O Rap box é considerado um dos canais mais influentes, que congrega vários artistas do rap que produzem de forma independentes e orgânica. O grupo de rap queer é o primeiro a fazer um lançamento com temática LGBTQIAP+.

Cypher é uma reunião de Mestres de Cerimonias com o intuito de gravar músicas no estilo rap com rimas complexas alternando entre si com uma temática proposto na hora da batalha. Alguns mc's brasileiros têm feito alguns lançamentos nesse formato. O grupo Quebrada Queer é o precursor do rap queer, conhecido por lançar “a primeira cypher gay”. Por ser pioneiro no movimento hip hop, é relevante investigar as características, os discursos e os sujeitos que a produzem essa vertente do hip hop.

A música intitulada “quebrada queer” tem duração de seis minutos e marca o batismo do grupo de mc's que a lançou. Nela Guigo, Murilo Zyess, Harley, Luara Boombeat, Tchelo Gomez e a dj Apuk se alternam em dezessete estrofes, mais conhecidas como versos, no mundo do rap. Nas análises apresentadas a seguir, foram selecionados trechos que permitem a observar as particularidades na construção da obra artística do conjunto de queer rappers numa perspectiva dos discursos de ativismo queer, negro, periférico a partir da arte.

Batendo palma, eu te vi resistir
Mas vi daqui, que enquanto você chora eu canto pra subir
Se a minha pele é o que incomoda, eu te convido a vir vestir
Mais quente que o Saara
Eu queimo o céu e faço o mar abrir
(Quebrada Queer,2018)

No trecho da música cantada por Guigo, é possível inferir que os versos tratam sobre a negritude enquanto fator social, e que muitas vezes gera preconceitos de alguns grupos e incomodo, em que “se minha pele é o que incomoda, eu te convido a vir vestir”, há um chamamento para atenção às questões étnicas e as diferentes vivencias a partir do marcador social negro. O verso “batendo palma, eu te vi resisti” há uma ambiguidade, em que o termo “resistir”, ao mesmo tempo que representa uma postura de oposição as questões apresentadas na canção, a exemplos das temáticas queers e negras, e também não sucumbir aos sistemas opressores que silenciam e marginalizam determinados grupos sociais.

Vida cinzenta seguida de um longo inverno
Muito bem preenchida, somente com amor materno
Entrando em paz com todos meus sentimentos internos
Desvio de alguns crentes que dizem que eu vou pro inferno
É que com um leão por dia me fez um guerreiro
Não tô disposto a me calar pra agradar terceiros

Por existências que estavam trancada em cativoiro
Herança disso tudo é paz, e eu sou herdeiro
(Quebrada Queer,2018)

No verso cantado por Murilo Zyess, os enunciados trazem marcas das vivências periféricas, abandono afetivo parental por parte da figura paterna, e uma exaltação à afetividade materna. Além da incorporação de um contra discurso religioso de condenação a partir do afastamento da fala. É possível inferir ainda uma postura militante do enunciador, quando se põe como guerreiro, não ter pretensão de se sujeitar a agradar terceiros em função de não vivenciar sua existência em plenitude e herdar paz.

Subestimado desde meu primeiro verso
Eles disfarçam bem, são tipo lobo em pele de cordeiro
Mas tô atento, pro opressor eu não disperso
Minhas rima inseticida, preconceito deles, formigueiro
MC's de verdade não desejam sociedades sem diversidade
Recupere o seu bom senso
Repense bem nos fundamentos sendo verdadeiro
Vai ter bicha no rap sim! E eu nem sou pioneiro (Quebrada Queer,2018)

Os versos acima demonstram o rap como um espaço reprodutor de opressões sociais, apesar de em princípio parecer um meio progressista, visto que, também foi durante muito tempo marginalizados pelas camadas socialmente privilegiadas, nos grandes centros urbanos. Há ainda construções metafóricas para tratar de preconceito velados ou não explicitados, como no verso “são tipo logo em pele de cordeiro”. É possível ainda, perceber um discurso de empoderamento quando o rapper versa “mas tô atento, pro opressor eu não disperso/ minha rima inseticida/preconceito deles, formigueiro”. Nos últimos quatro versos da estrofe, são feitas reflexões em tons declarativos acerca do movimento rap, posturas dos rappers e os fundamentos do estilo musical e em especial à diversidade dentro segmento cultural evidenciados no último verso, “vai ter bicha no rap sim! E eu nem sou pioneiro”. Contestando lugar dentro do movimento e exaltando o pioneirismo precursor do queer rap brasileiro de Rico Dalasam.

Nóis tá aqui por cada bicha com a vida interrompida
Por causa de homofobia, ódio e intolerância
Resistimos no dia a dia
Pra poder chegar o dia que prevaleça respeito, igualdade e esperança
(Quebrada Queer,2018)

O grupo coloca-se enquanto porta-voz contra homofobia, grupo de resistência contra opressões sociais vivenciadas pela comunidade LGBTQIAP+ tendo como extremo a perda da vida por suas existências. Nesse sentido, a arte do grupo Quebrada Queer pode ser considerada o que se chama de “ativismo”, um ativismo por meio da arte em que os sujeitos discursivos enunciam a partir de um lugar cultural e sob a ótica de quem vivencia as mazelas e violências na sociedade.

De onde eu venho, é fome e medo de ficar na mesma

Não caber na própria casa
Sai pro mundo e não cabe no mundo
Não cabe em verso cada tapa, momentos, fraqueza
Muitos anos de revolta desse jogo sujo
(Quebrada Queer,2018)

No trecho acima, há a ratificação da realidade das periferias brasileiras, espaços onde insegurança alimentar, e de muitas outras formas diversas de opressões e falta de ações que muitas vezes não são asseguradas e falta de perspectivas de ascensão social. Da mesma forma, o sujeito lírico é apresentado como um ser deslocado, não cabendo no aconchego representada pela casa, nem na vastidão do mundo em sociedade. Nos dois últimos versos da estrofe o rap ganha cunho metalinguístico, em que se fala do lugar de sujeito atravessado por toda dinâmica da favela e não ser possível expressar por meio dos versos do rap as vivências violentas experienciadas. Segundo Macedo (2019) p.12 É a partir desses bairros, onde os problemas sociais se fazem sentir de forma mais acentuada, que se produz grande parte do rap que hoje se ouve no país.

Não é guerra do sexo, homofobia chama
Atitude que brota de manos, minas e monas
Sem torcer o nariz, meu rap que clama, soma
Rap de bicha preta
Boombap enlouquece e toma
(Quebrada Queer,2018)

Na sequência, no verso da cantora- travesti Luara Bombeat, ao referir-se aos posicionamentos discursivos marcados pelas vivências queers, ela diz, “não é guerra dos sexos”, que o movimento LGBTQIAP+ não é um discurso em oposição aos gêneros e identidades de sexuais padronizadas na heterossexualidade, mas, contra as opressões e violências realizadas a partir desses marcadores sociais, a homofobia. Porém, é importante ressaltar que alguns desses comportamentos podem ser reproduzidos dentro da comunidade queer, a chamada homofobia internalizada. Pertencer à comunidade não isenta nenhum sujeito de enunciações problemáticas. Ao final da estrofe, nos três últimos versos, mais uma vez, é reforçada a ideia do queer rap enquanto manifestação artística ativista produzido por bichas pretas. Embora para muitos teóricos não pareça interessante analisar discursos em que os posicionamentos dos sujeitos enunciadoreis são declarados, ao propor análise do discurso queer implica ainda numa prova da existência queer rap, suas vivências e as construções enunciativas a partir de diversos aspectos culturais. Além disso, a utilização do termo bicha, que a priori era utilizado de forma pejorativa como xingamento para homens gays, foi resignificado e incorporado ao léxico LGBTQIA+ como um termo de orgulho e exaltação.

Me empoderei, vai vendo
Pro sistema eu não me rendo
Que impõe “é isso, aquilo”
Sabe o que eu faço? Aquendo

Não vim só pra cantar, nem vou me redimir
Vim jogar na sua cara: O que cê diz ser mimimi
Segura meu flow, aguenta o meu bonde
Samba com soul, não guenta, se esconde
Pantera negra eu sou
Não devo mas cobro, honey
No afrontamento eu vou
Bitch, better have my money!
T-C-H-E-L-O
(Quebrada Queer, 2018)

Nesse trecho da cypher, são utilizados termos peculiares, a exemplo das palavras “empoderei”, munir-se de poder, “sistema”, representando os conjuntos organizacionais morais, sociais e políticos, a que os cidadãos são subordinados e “mimimi”; uma onomatopeia utilizada pejorativamente para caracterizar pessoas que protestam retirando o impacto e importância dos discursos proferidos por elas. Nota-se o uso de um léxico típico da chamada militância. Há ao longo da estrofe uma mescla estilística das escolhas lexicais, ora opta-se por uma linguagem engajada na militância, em outro momento, usa-se palavras e construções informais, ou ainda, utiliza-se de estrangeirismo como em “Bitch, better have my money!”, “flow” e “honey” como forma de enriquecimento da letra de música, que ganha a partir da referência ao título de uma canção da cantora pop Rihanna caráter intertextual. Ainda sobre os termos utilizados na canção, no quarto verso, é utilizada o verbo “aquendo”, esse termo tem origem dentro do pajubá, um dialeto criado por travestis que para se comunicar entre elas sem serem entendidas por outras pessoas, misturaram palavras de origens iorubá e indígenas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos expostos, este trabalho objetivou discutir o queer rap enquanto manifestação de ativismo a partir da construção discursiva, temática e dos marcadores sociais enquanto condicionadores da produção artística do grupo Quebrada Queer. Nessa perspectiva...O trabalho efetivou o esperado, pois faz um levantamento do movimento hip hop, seu histórico produtivo atravessado pelo contexto social, inclusive as reflexões feitas acerca das dissidências e desobediência de gênero e sexualidade.

Foi visto que a cypher do grupo Quebrada Queer por apresentar temáticas que marcam a vivência da comunidade LGBTQIA+ a partir do lugar cultural em que os queer rappers são sujeitos auto enunciadores dos seus discursos, dialoga com o movimento do rap reivindicando espaço para uma vertente do rap que levem em consideração pautas que rompam com a reprodução de preconceitos e constituam novos elementos de a serem considerados na defesa do estilo musical. Uma postura em que a arte ganhe status de ativismo em defesa da diversidade tirando estereótipo marginal atribuído ao movimento hip hop. Foram discutidas ainda a questão linguística, o gênero enquanto condicionador

comunicativo e uma nova abordagem da educação linguística que consideram o queer enquanto elemento a ser debatido.

Dessa forma, os debates aqui levantados contribuem com construção teórica para estudos sobre ativismo, produção do queer rap e o discurso dessa vertente desse estilo musical que se mostrou valioso como campos de investigação.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Loren Tessy. O rap nacional: origens, “velha escola” e a “nova escola” In: das Amazônias, Rio Branco – Acre, v.1, n.1, (ago-dez) 2018, p. 63-67.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula.- São Paulo: Parábola Editorial,2004.

COELHO, Izete Lehmkul. et al. Para conhecer sociolinguística. 1ªed.- São Paulo: Contexto, 2018.

LOUREIRO, Bráulio, o ativismo de reppers e o “progresso intelectual de massa”: uma leitura gramsciana do rap no Brasil. Revista Histedbr. Campinas, v.17, n.2 [72], p.419-447, abr./jun. 2017

MACEDO, Lurdes. et.al. “Eu sou um cidadão, brada1”. O Rap como forma de ativismo em Moçambique? Braga, Portugal 2019 Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/330716882_Eu_sou_um_cidadao_brada_O_Rap_como_forma_de_artivismo_em_Mocambique

MAZZARO, D. Por uma educação linguística queer: estranhando conceitos e práticas. Gragoatá, Niterói, v.26, n.56, p. 1052-1084, 2021. <https://doi.org/10.22409/grag> HYPERLINK “<https://doi.org/10.22409/gragoata.v26i56.49224>”o HYPERLINK “<https://doi.org/10.22409/gragoata.v26i56.49224>”ata.v26i56.49224

MELLO, C. C.; PINTO, C.A.V. A Linguagem do Rap como resistência à(s) norma(s) Revista Porto das Letras, Vol. 06, Nº 01. 2020 Estudos em variação linguística: teoria, métodos e descrição de variedades brasileiras.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

ORLANDI, Eni P. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes,1999.

QUEBRADA QUEER, Quebrada Queer. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/quebrada-queer/quebrada-queer/>.

SILVA, D. da C. P. Queer: o insulto, os movimentos e as linguísticas. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 1–5, 2020. DOI: 10.25189/rabralin.v19i2.1482. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1482>. Acesso em: 20 set. 2022.

TEPERMAN, R. Se liga no som: as transformações do rap no Brasil. São Paulo: Claro Enigma, 2015.